



PSICANÁLISE

Cecilia Teodora Rodríguez  
Cecilia Lauriña  
*organizadoras*

# Transmissão psicanalítica

*Perspectivas atuais na América Latina*

**Blucher**



# TRANSMISSÃO PSICANALÍTICA

*Perspectivas atuais na América Latina*

*Organizadoras*

Cecilia Teodora Rodríguez

Cecilia Lauriña

*Formação psicanalítica: perspectivas atuais na América Latina*

© 2024 Cecília Teodora Rodríguez e Cecília Lauriña (organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE FEPAL: PSICANÁLISE LATINO-AMERICANA

COORDENADORA CIENTÍFICA MARINA MASSI

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação de produção* Andressa Lira

*Produção editorial* Departamento de produção

*Preparação e revisão de texto* Samira Panini

*Diagramação* Departamento de produção

*Capa* Laércio Flenic

*Colaboração* Leo Mangiavacchi (designer – Fepal)

*Imagem da capa* iStockphoto

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Transmissão psicanalítica : perspectivas atuais na América Latina / organizado por Cecília Teodora Rodríguez, Cecília Lauriña. - São Paulo : Blucher, 2024. 180 p. (Série Fepal / coordenadora Marina Massi)

Vários autores

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2254-5

1. Psicanálise 2. Cultura 3. América Latina  
I. Rodríguez, Cecília Teodora II. Lauriña, Cecília  
III. Massi, Marina IV. Federação Psicanalítica da América Latina V. Serie

24-4082

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Conteúdo

Reconhecimentos	9
Prefácio	11
<i>María Cristina Fulco</i>	
Cronograma dos espaços de diálogo e debate	17
1. Contexto e travessia: movimento, transformações e controvérsias (2020-2022)	19
<i>Cecilia Teodora Rodríguez</i>	
2. Supervisão didática – supervisão a distância: E agora o quê?	53
<i>Cecilia Lauriña</i>	
3. Controvérsias e paradoxos em torno da chamada análise didática	83
<i>Cecilia Teodora Rodríguez</i>	
4. Debate aberto: E agora o quê? Trabalho remoto na formação psicanalítica	105
<i>Cecilia Lauriña e Cecilia Teodora Rodríguez</i>	
5. Autonomia-democratização-exogamia na transmissão e formação psicanalítica	123
<i>Ana María Chabalgoity</i>	

6. Transmissão psicanalítica na América Latina: algumas considerações sob a perspectiva de um analista em formação	131
<i>Gabriel Rivera Constanzo</i>	
7. O cenário sociopolítico, a comunidade e a transmissão psicanalítica	147
<i>Daniel Delouya</i>	
Breve nota – Por uma psicanálise implicada	163
<i>Cecilia Teodora Rodríguez</i>	
Proposta de posicionamento latino-americano	167
<i>Comissão de Formação e Transmissão da Psicanálise da Fepal</i>	
Epílogo	175
Referências	177
Sobre os autores	179

# Reconhecimentos

Agradecemos profundamente a Marina Massi, coordenadora científica da Fepal, cuja iniciativa e estímulo tornaram possível a publicação deste livro, assim como a toda sua equipe, sempre disposta a acompanhar nossa tarefa.

Agradecemos também de modo muito especial o apoio da Comissão Diretiva presidida por Wania Cidade, que esteve conosco e incentivou cada novo desafio. Como a Comissão de Formação e Transmissão da Psicanálise está vinculada à Coordenação Científica da Fepal, expressamos nossa gratidão a Elizabeth Chapuy e Ricardo Carlino, Diretores Científicos das gestões anteriores, que impulsionaram nosso trabalho com importantes e fecundos intercâmbios de ideias.

Vai o nosso reconhecimento a todos e cada um dos que participaram das atividades que organizamos, tanto aos que contribuíram com ideias e questionamentos instigantes para os diversos encontros, como aos que responderam às convocações, juntando-se com interesse e entusiasmo, o que se evidenciou na grande quantidade de participantes em cada um deles.

Nossa gratidão também aos nossos companheiros de comissão, que trabalharam na organização dessas atividades: Carmen Labarthe, Fernando Grinberg, assim como aos membros: Marli Bergel e María Victoria Niño, e a Mónica Cardenal, Susana Silva de Celle, Laura Ward e Luz Marina Orejarena, que fizeram parte do primeiro período de

gestão, trabalhando em equipe com os que agora desejamos testemunhar esta travessia.

Foi um prazer trabalhar com Daniel Delouya, Ana Chabalgoity e Gabriel Rivera, agora também neste livro.

*Cecilia Teodora Rodríguez*

*Cecilia Lauriña*

# Prefácio

*María Cristina Fulco*

## *Mudanças e transformações na transmissão da Psicanálise*

Partir do ponto de vista de que o específico da psicanálise continua estando, nestes tempos de mutação civilizatória, sob o ponto de interrogação, é nos situarmos desde uma postura epistemológica frente a um paradigma, que nos desafia a novas e múltiplas possibilidades de transformação, tanto na teoria quanto na prática.

Dizer isso é abandonar pretéritos ideais de uniformidade, dogmatismos e crenças na solidez de nossos conceitos fundamentais, assim como a tentativa de monopolizar, desde nossa doutrina, supostas verdades que pretendam possuir o “ouro puro” da psicanálise, como temos escutado desde algumas das diferentes sociedades e institutos da Associação Internacional de Psicanálise (IPA) e da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), com relação a qual é a “verdadeira” psicanálise.

Nos diferentes congressos e pré-congressos realizados nas últimas décadas, surgia com insistência a preocupação sobre o que permanecia vigente do modelo chamado clássico, à medida que a pluralidade de teorias e a diversidade de práticas eram as características da atual psicanálise. Falava-se também do que tinha ficado obsoleto, por não



oferecer já as ferramentas necessárias para a abordagem da clínica do presente, tanto na escuta como na compreensão do sofrimento e os dinamismos psíquicos.

É fato que os três modelos reconhecidos pela IPA compreendem as diferenças importantes nos modos de entender a transmissão da psicanálise, segundo as características políticas, socioculturais e econômicas de cada região.

Nos três modelos, existe consenso na manutenção do modelo tripartite, mesmo com variações nascidas de profundas diferenças com relação a como este é compreendido e atualizado.

A chegada da última pandemia que assolou o mundo, bem como seus atuais efeitos tardios, e as guerras presentes hoje em tantos lugares do nosso planeta têm repercutido e continuam repercutindo, abrindo um leque de desafios que, tanto na teoria quanto na prática, continuamos enfrentando.

A passagem obrigatória ao mundo virtual nas três áreas da transmissão é um claro exemplo dos debates que continuam sendo promovidos mostrando os diversos desconfortos frente à impossibilidade de responder a exigências provenientes de regiões que ignoram nossas realidades latino-americanas, descontextualizadas da atual situação das nossas sociedades e institutos. Surgem então grandes questionamentos sobre se essas mudanças habilitarão a controvérsia ou serão motivos de resistências reforçadas em dogmatismos atávicos que bloqueiam o caminho à reflexão, à criatividade e a novas transformações.

Quais institutos queremos ter? Quais critérios de analisabilidade mantemos nestes tempos de mudanças? Parafraseando o tema do Congresso da IPA em Boston: como nos muda um mundo que muda? Mantemos as mesmas ferramentas no afazer do nosso trabalho neste presente em permanente mutação?

São essas algumas das reflexões que nos aproximam novamente da herança freudiana para também nos questionar de que maneira a assumimos.

Quando Freud, no prólogo da comemoração dos dez anos do Instituto Berlim, mostrava-se cauteloso e questionava um excessivo regulamentarismo com relação à prática e formação analítica, expressava que uma de suas funções era ensinar teoria, mas fazia ênfase na importância da experiência de uma análise, e que esta experiência pudesse ser transmitida. Questionava-se: é o exercício da psicanálise uma matéria que tem de estar submissa à autoridade ou é mais adequado deixar fluir seu desenvolvimento natural? Enfatizava assim que o vivencial e essencial de uma formação analítica ficava vinculado à transmissão.

Essas considerações nos levam a pensar sobre qual é o nosso entendimento sobre um Modelo de Formação nesta já metade do século XXI que parece aproximar-se das características que vivenciou Freud e seu grupo fundador, em seu compromisso com as intensas mudanças políticas, sociais e culturais das duas guerras mundiais.

Talvez desse compromisso com a sociedade e a cultura resultou, junto com o desenvolvimento científico do nascente paradigma, a criação das policlínicas gratuitas nas principais cidades de pertencimento daquele grupo aberto e implicado com as problemáticas de sua época.

Sabemos das múltiplas ofertas psicoterapêuticas que têm surgido nas últimas décadas e que levaram a que a psicanálise perdesse o lugar de hegemonia que soube ocupar no século XX como ciência dedicada à pesquisa e ao tratamento do sofrimento psíquico.

Sabemos também, nestes nossos tempos, da necessidade de criar novas vias e alternativas, talvez nunca antes imaginadas, que permitissem continuar com nossas atividades científicas e de transmissão. O recurso das novas tecnologias constituiu o caminho para poder continuar nossa trajetória. Por outro lado, nos fez enfrentar novos desafios

e novas mudanças, alguns dos quais chegaram a questionar conceitos centrais de nossa prática, como o enquadre e seus elementos, trazendo dúvidas, por um momento, na dimensão ética de nossa tarefa.

Apoiamos e sustentamos a necessidade dessas mudanças como modo de evitar o funcionamento oligárquico ou autocrático em nossas instituições, bem como o risco de engessamento e repetição dogmática de modelos de transmissão que, ao serem perpetuados e deixando de ser questionados, podem derivar para o nível do obsoleto no sentido da repetição da palavra morta. Porque se o conhecimento psicanalítico, segundo Piera Aulagnier, é “questionamento sobre o desejo”, é necessário, portanto, que exista um desejo a ser questionado.

Manter o caráter disruptivo e subversivo da nossa disciplina implicaria, então, em sustentar nossa dívida com o herdado, mas desde um lugar de intérpretes que substitua o conhecido e deixe lugar ao desconhecido, que habilite e dê lugar ao “poder transformador dos conceitos”, como disse Julia Kristeva no último Congresso IPA em Londres – 2019.

Como propõe J. Laplanche, a importância de “fazer Freud trabalhar”, afastando a sombra de uma repetição empobrecedora como veículo de uma doutrinação que inevitavelmente leva a um submetimento acrítico dos analistas em formação, sustentados pelo analista, supervisor ou docente a cargo, no transcurso do longo processo que resulta na aquisição da identidade analítica.

Citar esses pensadores contemporâneos da psicanálise implica, portanto, sustentar um afastamento das fontes que permita a crítica renovadora e transformadora. Desde que possa ser feita partindo dos contextos culturais e científicos de cada época, preservando naturalmente as necessárias fronteiras que protejam o específico de nossa doutrina, como o conceito de inconsciente, sexualidade, repressão e transferências. Ou seja, os pilares que sustentam o modo em que a psicanálise pensa e aborda a estruturação psíquica de todo ser humano.

Que o posicionamento de cada sociedade e do Instituto Latino-Americano frente aos acontecimentos políticos e culturais que violam a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), é um compromisso ético que leva implícita a exclusão de um silêncio que pode ser sentido como indiferença, é um fato que parece questionável. Fazem sentido aqui as palavras de J. B. Pontalis quando dizia: “É melhor entrar em debate do que se manter à margem, porque a cientificidade exibida somente aponta a impor silêncio”.

Ou como diz Anzieu:

*O problema se apresenta em uma instituição analítica que procura formar analistas, quando o ato de criação se transforma em gesto burocrático, cujo desfecho é sabido de antemão... quando a aquisição intelectual da doutrina é usada como ideologia.*

## ***Seminários curriculares extramuros de nossos institutos e sociedades***

Em um dos últimos encontros de presidentes da Fepal 2018-2020, quando passávamos pelo maior auge da pandemia, iam surgindo desde os institutos e sociedades a saída “massiva”, via virtual, à comunidade e à cultura, percebendo uma psicanálise comprometida. Foi apresentada a proposta de voltar a pensar nos planos de formação dos institutos latino-americanos, incluindo nos mesmos seminários curriculares de trabalho na comunidade, os hospitais, a universidade, entre outros, entendendo que são espaços que questionam e dialogam com nossas teorias e práticas, enriquecendo, desta forma, o longo processo de aquisição da identidade psicanalítica.

As mudanças estruturais promovidas ao longo dos últimos quatro anos pela atual Comissão de Formação e Transmissão da Psicanálise

da Fepal, coordenada por Cecilia Rodríguez e Daniel Delouya, mostram uma atitude transformadora e criativa, habilitadora de novas mudanças que permitiram a abertura a diálogos permanentes e sustentados com as atuais direções de institutos da Fepal, bem como a integração participativa de representantes dos analistas em formação na comissão e nos debates abertos. Essas oportunidades que vêm permitindo escutar a voz das novas gerações, enriquecendo, de uma maneira imprescindível, a reflexão sobre as variadas formas de abordagem vinculadas à transmissão e aquisição da identidade analítica.

# Cronograma dos espaços de diálogo e debate

Esperamos que os capítulos que compõem este livro guardem a memória de um tempo em que a transmissão da psicanálise enfrentou grandes mudanças, problemáticas complexas e desafios que nos colocaram diante de novos horizontes. A prática clínica e também a política institucional foram focos de intensos debates tanto regionais, no âmbito da Federação Latino-Americana de Psicanálise (Fepal), quanto intercontinentais, com outras regiões da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), que foram de enorme relevância ao considerar o futuro da psicanálise e sua transmissão. A soma de vozes de analistas de diferentes latitudes e filiações foi fundamental ao longo desse tempo; por isso agradecemos enormemente o entusiasmo de todos que participaram das diversas atividades que, como Comissão de Formação e Transmissão da Psicanálise da Fepal, organizamos durante nossa gestão. É importante ressaltar que essas atividades proporcionaram frutíferos intercâmbios em torno de controvérsias mantidas ao longo dos anos, agora no contexto das circunstâncias atuais.

Enumeramos brevemente as atividades:

1. Congresso Didático (2020) “Cartografias na Transmissão da Psicanálise: Fronteiras e Horizontes” (Foi o primeiro congresso virtual na história da Fepal).

2. Ciclo de Mesas de Diálogo 4x4 (2021) em cada uma delas participaram 4 diretores de instituto e 4 analistas em formação.
3. XXI Encontro de Institutos (2021) Transmissão e Formação psicanalítica em movimento: Perspectivas Latino-Americanas
  - Comunidade, cultura e transmissão da psicanálise à luz do contexto Latino-Americano.
  - Análise e Instituição, Tradição e Contradição.
  - Supervisão, Obstáculos e Aberturas.
  - Passando a Tocha em um Mundo que Muda, Luzes e Sombras na Transmissão da Psicanálise.
  - Infância e Adolescência: Perspectivas Contemporâneas na Transmissão da Psicanálise.
  - Transmissão e Formação na Cena Contemporânea.
4. I Reunião de Diretores de Instituto (2022).
5. Congresso Didático (2022) Travessias na Formação Psicanalítica: Perspectivas Latino-Americanas.
6. Plenária (2022) O Cenário Sociopolítico, a Comunidade e a Transmissão Psicanalítica.
7. Debate Aberto. E agora? (2023) Considerações em torno do trabalho remoto na formação psicanalítica.
8. II Reunião de Diretores de Instituto (2023).
9. XXII Encontro Aberto de Institutos: Autonomia, Democratização e Exogamia na Formação Psicanalítica: Considerações sobre o trabalho remoto no tripode.
10. Diálogo com a OCAL (julho, 2024): Formação psicanalítica na América Latina. Um psicanálise ou diversas psicanálises? Qual é a realidade dos analistas em formação?
11. Diversidade e Formação: Experiências de Inclusão na Transmissão Psicanalítica. Diálogo a partir de projetos de bolsas para população negra, indígena e migrante.
12. Congresso Didático 2024.



Este livro captura a memória do período transcorrido entre 2020 e 2024, um tempo marcado pelo impacto inevitável da transição para o trabalho remoto na formação psicanalítica, resultado da crise pandêmica. Em meio a intensas turbulências, essa experiência também nos abriu para novos horizontes. Aos questionamentos, atualizações, perspectivas e debates realizados no âmbito da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) em torno do movimento psicanalítico e sua transmissão, somam-se os diálogos interinstitucionais organizados pela Comissão de Formação e Transmissão da Psicanálise da Fepal durante esses anos. Esses debates, nos quais a clínica psicanalítica e a política institucional se entrelaçaram, deram lugar a importantes reflexões sobre cada um dos eixos do tripóde e também sobre os movimentos institucionais. Reflexões que, desde este momento histórico, buscam garantir a vigência da psicanálise no contexto das transformações da nossa época.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2254-5



9 788521 222545



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Série  
**Fepal**  
COORD. MARINA MASSI

**Blucher**





Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Transmissão psicanalítica

### Perspectivas atuais na América Latina

---

Cecilia Teodora Rodríguez, Cecilia Lauriña (Org.)

ISBN: 9788521222545

Páginas: 180

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024

---